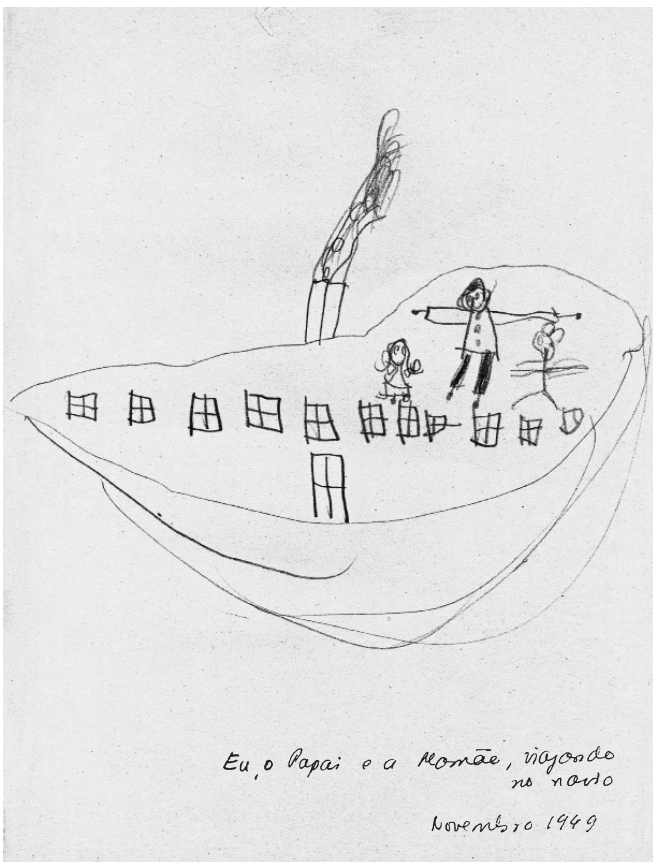


✻ O PAI, A MÃE E A FILHA



✻ O PAI, A MÃE E A FILHA

3ª edição

ANA LUISA ESCOREL

18 de maio de 49

Papai e mamãe
casados



Para Gilda e Antonio Candido,
emissários da mosca azul.

18 ✨ Para a menina e os primos, o domingo, na fazenda, era o pior dia da semana. Movimentação à volta da casa, nenhuma. Não tinha ninguém para buscar os cavalos no pasto, arreá-los; ninguém tirando leite das vacas, cuidando do jardim, do pomar, de porcos nem de galinhas; e as empregadas davam o almoço e iam logo embora. Ficava uma calma sem tamanho, em que se ouvia apenas o rangido da cadeira de balanço da avó, no terraço, olhando sem ver nada, o pensamento, com certeza, retido em algum pedaço de outro tempo. E o avô, ao lado, na cadeira dele, quieto, sem balançar, numa tristeza infinita – como de hábito –, olhar fincado no chão, mãos cruzadas sobre o colo e chinelos em lugar das botinas e das perneiras, usadas para vistoriar a lavoura, enquanto ele foi capaz.

Os passarinhos continuavam cantando. Para eles não havia domingo e todos os dias amanheciam e anoiteciam iguais. Tinha também o marulhar do riacho correndo a poucos metros da casa, porque, com aquela quietude toda, se escutava melhor o barulhinho das águas no domingo que nos outros dias. Mas era só. Então as crianças ficavam enchendo o tempo como podiam e, às vezes, davam um pulo até a colônia para ver os camaradas reunidos em torno da pista de bocha, onde passavam boa parte do dia, jogando. De roupa limpa, banho tomado: outras pessoas. As empregadas da avó, então, nem se fale! Em volta, chispando olhares. Diferentes de como ficavam quando entregues ao serviço da casa. Incomodava muito mesmo, à menina, aquela mímica entre os moços e as moças, insinuando um mundo impenetrável para gente da idade dela. E também era esquisito assistir à bocha, jogo de regras desconhecidas, tomando de tal forma os colonos que nem podiam se ocupar dela e dos primos com a mesma atenção e solicitude do resto da semana.

De noite, se não estivesse chovendo, a luz atraía muito besouro ao terraço. Aí, as crianças pegavam os maiores, coitados, e punham para puxar caixa de fósforo vazia, atada a eles por linhas de costura. Ou então fechavam as luzes da parte da frente da casa e ficavam tentando apanhar vagalumes, para iluminar um pouco a escuridão. Sempre difícil: vagalume é muito arisco.

O céu à noite, visto do terraço, era deslumbrante. Tinha textura unida, aveludada, de um negro profundo, único. E quantidades inimagináveis de estrelas de todos os tamanhos, e nitidez impensável nas cidades contaminadas pela luz elétrica.

Com o frescor do fim da tarde, o cheiro de folha, capim e casca de árvore se adensava, destilando uma brisa odorante deliciosa, espécie de revide delicado ao sol forte do dia inteiro. Para a menina, não havia nada como as noites da Santa Isabel, no acordo com aquele perfume vindo da terra e a polifonia miúda dos insetos cantores.

19 ✱ A principal ocupação dos dois irmãos da Prima, na fazenda, era caçar passarinho. No princípio com estilingue, feito por eles próprios. Havia todo um saber em torno da construção, que precisava combinar alguns requisitos. A forquilha devia ser de goiabeira ou jabuticabeira. Sob o ponto de vista anatômico, as jabuticabeiras ofereciam as melhores, além de possuírem grande quantidade por pé. Uma beleza: era só subir na árvore e escolher entre as muitas ofertas. As mais resistentes, no entanto, vinham das goiabeiras. Por isso a situação ideal era encontrar, numa goiabeira, forquilhas tão bem formadas quanto as das jabuticabeiras. Difícil. Quando acontecia, era uma festa!

Definida a forquilha, os meninos aparavam, lixavam, poliam, indo depois nos guardados deles atrás dos esto-

ques de tiras de borracha – mantidos sempre em dia – e dos courinhos extraídos de alguma bolsa velha da mãe, da avó, ou de sapatos fora de uso, esquecidos pelos armários. Para arrematar, faziam bolinhas de esfericidade perfeita e diâmetro adequado ao alcance pretendido, deixando secar ao sol, de um dia para o outro, a argila colhida na beira das várias nascentes, próximas ao ribeirão de baixo. A forma era fundamental. Quanto mais redondas, melhor para desenvolver velocidade. Pedrinhas comuns não eram boas, porque a assimetria não deixava que atingissem o alvo com a força e a precisão necessárias.

176 Teve um tempo em que, além das bolinhas de argila, passaram a caçar também com pedregulhos. Escolhidos dentre os perfeitamente esféricos, no leito dos trilhos da Estrada de Ferro Araraquarense, a dois quarteirões da casa deles.

A forquilha, a tira de borracha e o courinho – cortados e dispostos nas proporções corretas – mais as bolotas, davam magníficas armas de caça com as quais os meninos, senhores de pontaria absoluta, quase dizimaram a população canora da Santa Isabel. Porque tudo o que não fosse muito grande e voasse tombava sob a mira implacável deles. Sabiá, bem-te-vi, canário, fogo-apagou, joão-de-barro, beija-flor, sanhaço, pardal, bico-de-lacre, coleiro, rolinha. As rolinhas, a avó mandava fritar e os dois comiam regalados, com a mão, aqueles pedaços pequeninhos mal dando para segurar.

E assim era. Todas as manhãs, depois do café com leite, os dois pegavam os estilingues, os embornaizinhos de pano, feitos pela avó com a sobra de alguma costura, punham as bolotas dentro e partiam. Na volta, em lugar das bolotas, os embornais voltavam cheios até a boca de passarinho abatido.

Teve um dia em que a menina e a Prima ficaram com tanto dó, mas tanto dó dos pobres, que resolveram fazer um cemitério para eles não irem parar no lixo, perdida a serventia de reafirmarem a mira excepcional dos dois caçadores. Abriam uma porção de covas assim, uma ao lado da outra, na fundura que desse para abrigar os cadaverezinhos – perninhas e pescoços largados –, puseram nos buracos, cobriram bem de terra e fizeram uma cruz de graveto muito caprichada para cada um. Depois, pousaram neles ramos de primavera escarlata, trepadeira que cobria a cerca do jardim junto com o pé de alamandas. Ficou bem bonito.

À medida que os meninos foram crescendo, o estilingue passou a não atender às pretensões de ambos. Então, ganharam do pai espingardas de pressão para abater aves maiores. O mais moço, além de sistemático, tinha melhor pontaria e, como daí para a frente a munição saísse da mesada, começou a exercitar a mira das mais diversas formas, para poupar o chumbinho. Então ficava lá, disciplinadamente: pei! pei! pei! num alvo de papel, colado na porta da garagem do trator, ou no gargalo de garrafas

velhas, postas em cima do fogão à lenha, nos horários em que a cozinha não estivesse funcionando.

A partir de certo ponto, a tecnologia do chumbinho passou a não atender o primo, na progressão que o tornava cada vez melhor atirador. Então ele deu jeito de passar a mão numa Winchester velha, de tio Pio, com a qual continuou a atirar com a incrível pontaria que sempre tivera, desde a fase do estilingue.

